

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



edição dos fragmentos do poeta, em preparação para a Teubner de Lípsia. Partindo do texto de Kock, ou (quando tal não é possível) do de Demiańczuk⁵, Maria Grazia Bonanno move guerra implacável a todas as hipóteses, considerandos e afirmações não sufragáveis pelos factos. Por isso muitos estudiosos do século passado (Meineke entre as raras excepções) e do nosso tempo saem malferidos da sua análise minuciosa e penetrante. Pode acontecer que a discussão de um fragmento de Crates (por ex. 33 Bonanno = 29 Kock) obrigue à revisão do texto de outros autores (caso do frg. 333 Kock, de Aristófanes). Maria Grazia Bonanno regista dois novos fragmentos (7 e 53), citados num léxico inédito de Fócio Macedónio. A Tsantsanoglou, próximo editor desta obra, ficou devendo também a possibilidade de colocar entre os ἀμφισβητήσιμα os frgs. 57 (46 Kock) e 58 (47 Kock), já que, para ambos, Fócio dá «Cratino» em vez de «Crates».

Enriquece este trabalho exemplar uma extensa bibliografia (6 edições e 135 estudos) e índices completos dos passos e dos autores citados. Maria Grazia Bonanno, credenciada por numerosos artigos dos «Quaderni dell'Istituto di Filologia Greca» da Universidade de Cálher e depois do «Museum Criticum» da Universidade de Bolonha, é discipula muito digna de Benedetto Marzullo.

W. S. M.

GIOVANNI VIANSINO — **Introduzione allo studio critico della letteratura latina.** Collana «Aggiornamenti critici». Salerno, Libreria Internazionale Editrice, 1970. 436 pp.

Não há que negá-lo: é desfavorável a primeira reacção do leitor diante do livro. A capa, escarlate e breu¹, de péssimo gosto; a selecção discutível dos autores estudados (sobretudo nos últimos períodos); a arrumação bizarra de alguns²,

⁵ A edição de Edmonds é «disarmante nella sua immetodicità, piena di avventate congetture ed omissioni [...], imprecisa ed insufficiente nell'apparato, nei riferimenti, nella citazione delle fonti» (p. 57 n. 1).

¹ A meio do negrume brilha, porém, uma lua numismática, de rósea espectralidade.

² Parece ter influído o critério dos géneros. Andronico, Névio e Énio precedem Plauto e Terêncio; seguem-se-lhes Lucílio e Lucrécio. Galo, Tibulo e Propércio vêm depois de Catulo, mas antes de César, Nepos, Salústio e Lívio. Depois é a vez de Cícero, Horácio, Virgílio e Ovídio (mas porquê Horácio antes de Virgílio?). Na peugada seguem Lucano, Pérsio, Juvenal; depois faz-se um recuo para meter Séneca e um avanço para inserir Tácito... Mesmo expediente para os romanistas Petrónio (identificado justamente com o *Arbiter elegantiarum* da época neroniana) e Apuleio. Amiano Marcelino é o último da lista.

a extensão desproporcionada de outros; o índice esquelético, indicativo apenas dos capítulos-«medalhões»; a revisão insegura das palavras estrangeiras³ — despertam a sensação penosa de que esta *Introduzione* tenha resultado da compilação acelerada de apontamentos da aula ou de livros precedentes do autor⁴, tudo composto e impresso em tempo «record», e apresentado neste indumento de sangue e escuridão para espreitar, na hora das opções, o interesse desfalecente dos alunos. Uma consideração mais atenta do conteúdo permite rectificar a impressão e concluir que o livro tem utilidade e o seu autor é um estudioso bem apetrechado e capaz de fazer melhor. Bastará, para tanto, que renuncie às tentações da facilidade e do oportunismo. Por muito que os maus exemplos venham, às vezes, bem do alto!

Viansino escreve, é certo, na «Avvertenza», que a sua *Introduzione* «pretende somente apresentar, para os autores da idade clássica mais significativos na história da cultura, o equacionamento dos problemas que directamente interessaram o autor ou que parecem hoje vivos e vitais» (p. 3). Mas não serão autores significativos na história da cultura Catão, Pacúvio, Ácio, Varrão, Fedro, Marcial, os dois Plínios, Quintiliano, Suetónio, Tertuliano, Santo Agostinho, Prudêncio, Boécio, a que não dedica uma única página? Tão significativos, pelo menos, como o historiador Amiano Marcelino, que aparece contemplado com mais de vinte. Em vez de destinar quarenta e quatro páginas a Séneca (que tem nesta obra a parte do leão), podia limitar-se a metade... e distribuir o resto por Névio, Énio, Plauto, Catulo, Cícero, que têm tratamento insuficiente, ou fazer beneficiar desse excedente algum dos autores omitidos. Viansino esqueceu que, numa obra didáctica como a sua, a selecção e as proporções não podem ser deixadas ao sabor dos gostos pessoais.

Bem sabemos que não quis fazer «uma história literária», mas uma exposição de «perspectivas e questões que a leitura do texto sugeriu ou que foram abertas e discutidas pela crítica nos últimos vinte anos» (ibid.). Mas haverá «perspectivas» correctas em história literária, se omitirmos ou negligenciarmos o tratamento de algumas figuras relevantes? Têm cabimento as nossas observações pessoais sobre determinados aspectos particulares da obra de um autor, mas se visarem minudências em prejuízo de questões de maior importância (como o desenho de alguns movimentos literários, v.g. o neoterismo), estamos a falsear as intenções de um livro de orientação crítica para a Universidade. Há nesta *Introduzione* certa farragem que poderia ser eliminada, indicações avulsas e esquemáticas que estão a pedir con-

³ Alguns exemplos: *grecques* p. 8, *Ribbek* 12, *Iocelyn* 22, *Licofronte* 26 n. 7, *Hauls* 42, *Schipp* 42, *Ballantine* 42, *Heek* 83, *Onordnung* 83, *Walsch* 163, *Valsch* 167 n. 18, *Greece and Rom* 167 n. 18, *Gotöburg* 197, *Duckwort* 233, *Oskala* 237 n. 42, *Powel* 267, *Port versus whole* 281, *satirist or rhetoricien* 293 n. 3, *Collabart* (é Callebat!) 386. Caótico o uso de *ä/ae, ö/oe* (em pp. consecutivas, *Dörrie* 249, *Doerrie* 250), *ü/ue*; das maiúsculas em latim e nos títulos dos livros; de algumas abreviaturas (por ex.: *F. Munari*, *Fr. Munari* 247). Há casos de má translineação (por ex. 12, 13, 132, 173) e de acentuação errada (por ex., grave por agudo, 173, 230, 256, 267, 301, 385; agudo por grave, 289, 340) ou de ausência de acento (71, 168). Na p. 341, diz-se «Cassandra [...] è uccisa [...] per ordine di *Cassandra*».

⁴ O que é verificável, desde logo, para Séneca — segundo informação do próprio Viansino (p. 303 n. 1).

catenação, afirmações precipitadas ou dogmáticas que exigem retoque, fundamentação, desenvolvimento⁵. A crítica discutiu, «nos últimos vinte anos», problemas que o autor não considerou ou referiu de maneira muito saltuária⁶.

A bibliografia — colocada após as notícias sobre a tradição manuscrita e as edições, e ampliada por outras indicações no miolo da exposição e nas notas — só regista, geralmente, trabalhos posteriores à terceira década deste século. Viansino tem boa informação: raramente lhe escapam obras de valia, como Granarolo, *L'oeuvre de Catulle. Aspects religieux, éthiques et stylistiques* (Paris, 1967) ou Wilkinson, *Horace and his lyric poetry* (Cambridge, 1945, 21951, 31968). Por isso seria desalegrante apontar lacunas neste campo⁷.

⁵ Exemplifiquemos: «Livio [trata-se de Andronico: Viansino dá o mesmo nome ao Tarentino e ao Paduano] cerca [...] di riferire il pensiero, non la forma di Omero» 16; «il *Trinumus* è [...] l'unica commedia di costume scritta da Plauto, come l'*Aulularia* è l'unica commedia di carattere» 38; «*Afer* vale berbero (famiglia di africani trapiantati a Cartagine)» 40; «Le *Satire* [di Lucilio] erano opera letteraria e non comportavano i rigori delle legge» 58; «piú probabilmente, Gerolamo cristiano ha assimilato alle tristi morti dei «*persecutores*» la sorte dell'ateo Lucrezio» 71; «nell'ultima strofe, quando Saffo [frg. 31 Lobel-Page] prendeva una sua strada, tutta rivolta ad Agallide» 86; «s finale di parola dopo vocale breve, se segue consonante, non fa posizione [in Catullo]» 93; «A Gallo (la cui Licoride ricordava Diana) e a Tibullo (che chiama Delia la sua donna) si rifà Properzio, dando ad Hostia il nome di Cynthia: tutti i tre gli appellativi si riferiscono dunque a Diana-Luna» 115 (mas a p. 106 diz que *Delia* é «nome fittizio di Plania, secondo Apuleio, *Apol.* 10; *δηλος: planius*); «Questa passione, poi, Properzio non la presenta con semplicità, ma artisticamente — e quindi con sincerità minore che Catullo» 118; «Discorsi e lettere [di Cicerone], che presentano interessi e problemi soprattutto storici, non vengono qui trattati» 193; «Diretta derivazione di Archiloco è riscontrabile [...] nell'epodo decimo (secondo il papiro di Strasburgo)» 198, cf. n. 9; «Quanto all'elemento erotico, Orazio è troppo freddo per farsene prendere come gli elegiaci [...]. Cosí per il paesaggio e la natura» 207-208; «i pastori [virgiliani], che sono emanazione del poeta, parlano un linguaggio non popolare (ad eccezione di 3. 1: *cuium*, arcaico e popolare)» 225; «ma pochissime sono [in Persio] le *sententiae* che possano essere staccate dal contesto» 283; «dietro la dottrina — appresa [da Persio] non tanto sulle grandi opere dei maestri dello Stoicismo, quanto su manuali e riassunti» 288; «Assenti [in Persio] sono l'ironia, l'umana comprensione, il tratto autobiografico» 288; «Tutti i personaggi [di Petronio] hanno nomi greci [...]. Fa eccezione Fortunata [...], che come schiava [...] porta nome latino» 376 n. 7.

⁶ A data de início da poesia culta em Roma, a cronologia das comédias de Terêncio, o problema da sua originalidade, a interpretação da Vénus lucreciana, o final do *De rerum natura*, a autenticidade dos *Empedoclea* salustianos, as relações entre a bucólica IV de Virgílio e o epodo XVI de Horácio, a biografia de Pérsio, a autoria da *Octavia*...

⁷ Mais estranháveis alguns casos de citação de obras em edição ultrapassada. Por ex.: «Della Corte, *Da Sarsina a Roma*, Firenze, 1964» 40 (a 1.ª ed. é de

A *Introduzione* de Viansino presta alguns serviços ao leitor que aceitar, com as limitações do trabalho, o andamento ora sacudido, ora lasso, da exposição. E outros prestaria ainda se, no traçado do plano e na sua execução, o autor quisesse ser mais reflectido e mais paciente.

W. S. M.

Evangelhos e Actos dos Apóstolos, Anotações e tradução por S. Martins dos Reis, Edições Salesianas, Porto, 1972, [XIX] + 673 pp. + + 4 apêndices.

As últimas duas décadas viram aparecer já várias traduções da Bíblia em português, as quais põem em evidência, na fachada, que se trata de trabalho feito sobre textos originais. Supomos que o primeiro esforço verdadeiramente científico e conseguido, neste ponto, foi tentado pelo Cónego José Falcão, então professor do Seminário dos Olivais (*Evangelhos e Actos dos Apóstolos*, Lisboa, 1956). A nova versão que S. Martins dos Reis agora nos apresenta traz consigo uma novidade muito de apreciar do ponto de vista linguístico, pois afirma tê-la elaborado «sobre o texto crítico grego original, tendo em conta o substrato semita». A credenciar a probidade científica do tradutor estão os seus títulos de licenciado em Teologia e em Sagrada Escritura, em Roma. Além disso, o seu pendor para os estudos linguísticos está já comprovado não só por trabalhos de crítica e outras traduções como pela meritória edição do *Livro da Fazenda da Mesa Episcopal do Bispo de Évora*, em português arcaico (Évora, 1967).

Martins dos Reis tem plena consciência da dificuldade do seu trabalho, pois considera um autêntico *desafio* lutar simultaneamente com a «portentosa riqueza do grego *koiné* original» e com a «fantástica expressividade do português» (p. X). Adoptámos uma paginação em números romanos para a introdução, começando na portada. O tradutor omitiu este pormenor gráfico, o que dificulta a remissão para as suas importantes *palavras desnecessárias?* pp. VII-XIX). A onerar a

Génova, 1952; a 2.^a, de Florença, 1967); «su Terenzio traduttore [...] cf. A. Traina, «Belfagor» 1968, 431» 55 (foi republicada em *Vortit barbare*, Roma, 1970, 167-179); «E. Paratore (*Virgilio*, seconda ed., Firenze 1954)» 219 (há terceira, *ibid.*, 1961); «J. Perret (*Virgile*, Parigi 1959)» 219 (há segunda ed., *ibid.*, 1965, e o mesmo acontece com o comentário das *Bucólicas* citado abaixo com data de 1961, que saiu corrigido em 1970); «E. Paratore (*La poetica di Persio*, Roma 1964)» 281 (na ed. florentina de 1968, o título é *Biografia e poetica di Persio*); «K. Müller (Monaco 1961)» 375 (a última edição mülleriana dos *Satyrice* de Petrónio foi revista e emendada por Ehlers, München, 1965).